

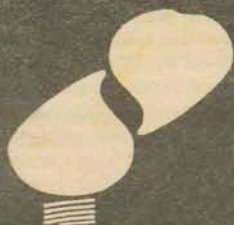


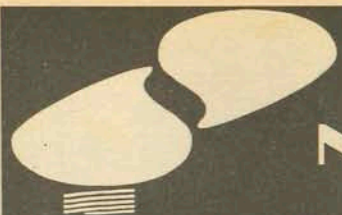
SEM TERRA

Uma lição ao Brasil

LEIA MAIS:

- * PORTUÁRIOS EM GREVE CONTRA GLOBALIZAÇÃO
- * LEILÃO DA VALE DO RIO DOCE PODE NÃO SAIR NO DIA 29
- * 600 BARRAGEIROS OCUPAM OS CANTEIROS DE OBRAS EM ITÁ





NOTAS

ABRIU TOTAL

O presidente FHC assinou um decreto, dia 16 de abril, reconhecendo como de interesse go governo brasileiro o aumento da participação estrangeira no capital do Banco do Estado de Mato Grosso que será privatizado. Os bancos estrangeiros devem aumentar sua presença no mercado brasileiro por meio da compra de bancos estaduais, com pleno apoio do Banco Central. Foi assim com o Banmerindus comprado pelo Hong Kong e Shanghai Banking Corporation.

REDUÇÃO DE TRABALHO

O maior sindicato da Alemanha, o IG Metall convocou dia 16, seus 2,7 milhões de associados para apoiar as greves pela redução da semana de trabalho, que permitirá a absorção de novos contingentes de mão-de-obra. Apóiam também esta decisão os mineiros e outros grandes sindicatos europeus.

FOGO NA RODOVIA

Os fogoneros (foguistas) jovens desempregados viraram a amarga imagem da realidade social argentina. Há mais de um mês eles alimentam barricadas dia e noite na desolada rodovia 22, situada na Patagônia e para se aquecerem queimam pneus e trastes velhos. O presidente Carlos Menem relançou a palavra subversão para definir os protestos de professores e desempregados desta região, alguns deles há 15 dias em greve de fome por empregos em frente ao Congresso Nacional.

MILAGRES?

200% foi a redução nas horas-extras de março na agência da Celesc em Itajaí. A informação, um tanto curiosa, foi publicada no último Jornal da Celesc. Se a totalidade é 100%, como é possível diminuir-se o dobro de horas-extras. Ou os funcionários estão devolvendo dinheiro ou milagres estão acontecendo na empresa...

80 ANOS DE REVOLUÇÃO

Acontece entre 1º e 4 de maio na UFSC o Encontro Latino-Americano de Revistas Marxistas, com um seminário sobre os 80 anos da revolução bolchevique e a atualidade da luta anti-capitalista. Maiores informações no fone (048) 331 - 9330.

expediente

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC. Jornalista Responsável: Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966). Redação: Alessandra Mathyas. Ilustrações: Frank Maia. Diretoria de Imprensa: Olga Leocádia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fax (048-224-9104)

Portuários fazem sua parte

A greve dos portuários em todo país poderá atrapalhar o processo de privatização dos portos que está em curso. A afirmação é do próprio ministro dos Transportes, Alcides Saldanha, comentando a mobilização que iniciou há um mês atrás quando estivadores ocuparam dois navios atracados no terminal da Cosipa, em Santos. Eles protestavam contra a decisão da empresa de contratar mão de obra avulsa, sem o contro-

le dos sindicatos. Dali a manifestação se ampliou para todo o porto de Santos (que ficou parado 15 dias) e atingiu outros portos do país - como o de São Francisco e Itajaí aqui no estado. Na sexta-feira passada os trabalhadores resolveram dar uma trégua até dia 30 de abril para que as negociações reiniciassem. O movimento acompanha uma escalada mundial destes

trabalhadores contra a globalização. A seguir uma carta enviada ao presidente FHC, dia 14 de abril, e reproduzida no site da Internet dedicado à mobilização mundial dos portuários. O autor é um sociólogo inglês que se dedicou aos estudos dos movimentos trabalhistas e um dos mentores do movimento de solidariedade mundial com os estivadores.

Caro presidente Cardoso:

Como um sociólogo político de um proeminente instituto de estudos sobre desenvolvimento no Terceiro Mundo, li, com interesse e admiração, seu discurso sobre Globalização, feito um ano atrás para o Colégio de México. Até mesmo o mencionei em meus escritos, mostrando a ironia de que um presidente de um grande país tenha produzido uma análise sobre globalização melhor do que a de muitos cientistas sociais ou ideólogos dos movimentos trabalhistas.

Entretanto, ouvi falar que a polícia está se movendo contra os portuários de Santos, que protestam contra a globalização que você mesmo criticou. No confronto neoliberal que ameaça os seus empregos, os portuários de Santos se encontram numa posição similar aos portuários de Amsterdan, Liverpool (para citar exemplos que estão ocorrendo hoje) e em outras partes do mundo.

Existe agora, uma crescente rede global de portuários e seus amigos, que já está tomando ações efetivas para defesa dos portuários internacionalmente. Eles estão contribuindo para a construção de um tipo de "sociedade civil global" que está reagindo contra o "Cassino Capitalista", ou ao "Fundamentalismo do Fundo Monetário Internacional". Eu acredito que você, como um homem de centro, se não da esquerda, aprova tal tipo de resistência, solidariedade global e esforços para criar uma "globalização dos debaixo" com orientação humana e social contra a brutal "globalização neoliberal dos de cima".

Como especialista em lutas portuárias (na Nigéria e Espanha) e em novos movimentos de trabalhadores que buscam a solidariedade global, e como membro eterno de movimentos trabalhistas, apelo a você para intervir com rigor e urgência contra a destruição de postos de trabalho, vidas e comunidades que está acontecendo em Santos.

Seu,

Peter Waterman

"Comunicação é o sistema nervoso do internacionalismo e solidariedade" (Jose Maria Mariategui, Lima, 1923)

Igreja se posiciona contra governo

"A corrupção eleitoral é um dos mais graves problemas da democracia brasileira, pois um número assustador de candidatos literalmente compra seus mandatos dos eleitores mais pobres". Esta triste mas verdadeira realidade do país não pode mais acontecer sem as devidas punições. É o que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil concluiu com a deflagração de uma campanha contra a corrupção eleitoral.

Com a campanha a Igreja deve traçar um mapa da corrupção eleitoral ainda neste semestre e coletar assinaturas para a apresentação de um projeto popular de mudança na Lei Eleitoral. Esse projeto pede a criação de penas de prisão,

multas e outras formas eficazes de controle.

Além da campanha os bispos aprovaram e divulgaram dois documentos de afronta direta ao governo de Fernando Henrique. Um que se posiciona contra a privatização da Vale do Rio Doce (veja matéria Vale) e outro, intitulado "Vida com Dignidade", onde faz duras críticas ao neoliberalismo do atual presidente da República. "O quadro crônico de exclusão e miséria em que tentam sobreviver milhões de brasileiros, especialmente crianças, é hoje consequência direta da ordem econômica neoliberal, que sobrepõe o lucro e o capital à pessoa" é um dos trechos deste documento.

Mas os maiores destaques do texto são a acusação feita a FHC de comprar votos para aprovar a reeleição, o não cumprimento do programa social prometido durante sua campanha, o que levou o país a ser o campeão mundial da injustiça social, e de estar aliado a latifundiários.

Imediatamente a presidência da República divulgou nota contestando as afirmações dos bispos. Um exemplo do disparate da nota do Palácio do Planalto é que, no item 4 afirma que "o desemprego não tem aumentado de maneira significativa. Os dados revelam que tem se mantido em torno de 5%" (leia Tribuna Livre "Os Inempregáveis").

17 de abril

17 de abril de 1997 já é história. Tomara que marque o início de um tempo em que o mais importante seja a solidariedade. Os que participaram das manifestações estão nesta história e se sentem felizes por isto. Sejam eles os sem terra ou os "desgarrados sociais":

Todos dois marcharam dia 17 sobre as instituições que não os representam mais. São pessoas incapazes de entender que razões jurídicas, administrativas, morais, faz alguém reivindicar para si o direito de receber um "extra-teto", de governar corrompendo e mentindo, de traficar patrimônio público e empregos em nome da nação.

Na Eletrosul, os sem terra foram mostrar que são contra a privatização da empresa. "Não vamos deixar que nenhum governo passe a mão neste patrimônio, montado com o dinheiro de cada um de nós. Sem a Eletrosul vamos sofrer a falta de energia ou ela vai ter um preço tão alto que só os ricos poderão comprá-la", acredita Olavo Moacir Kessler, 43 anos, há 11 no MST, agora assentado em Guaruva. Eles foram recebidos nos portões da empresa, com um café da manhã, por aqueles que, apesar das ameaças de chefes e direção da empresa, tem compromisso maior com a solidariedade.

Dali, a manifestação seguiu para a Celesc. Foi dado um grande abraço no prédio sede da empresa, um ato simbólico, "que é o único jeito de mostrar que tem gente lutando por isso", explicou Marcelo Pelegrino Vieira, assentado, 22 anos, há dois no MST. De mãos dadas com eles, trabalhadores que também lutam pela Celesc pública e a serviço da população.

Lá dentro, o presidente Paulo Tatim, deturpava o uso da palavra solidariedade: pelos alto-falantes agradecia a "solidariedade" dos que estavam com ele dentro do prédio. Usada assim, a palavra virou ofensa.

Alguns dos que não participaram das manifestações do dia 17 fizeram críticas e distorceram os objetivos do movimento. Teve trabalhador que chegou a pensar o contrário: que os sem terra estavam usando o poder de mobilização dos eletricitários. Uma eletricitária (com formação em assistência social), afirmou que não iria se "misturar" àquela gente. Ela bem que poderia ser a mãe de um dos garotões de Brasília que queimaram um índio "para brincar". E, houve ainda desinformados que falaram na violação do "império da lei". Estes esqueceram-se que a Constituição assegura comida, terra e condições de vida para todos brasileiros.

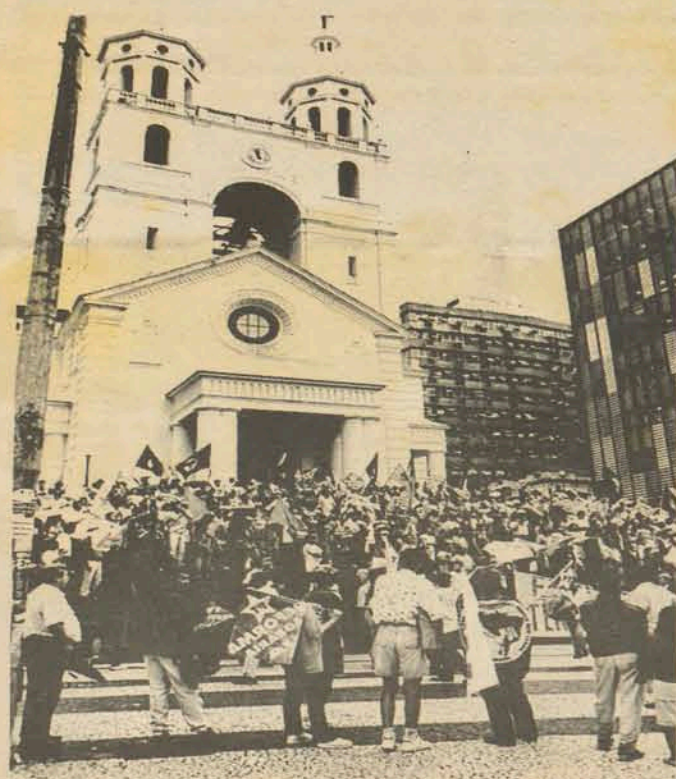
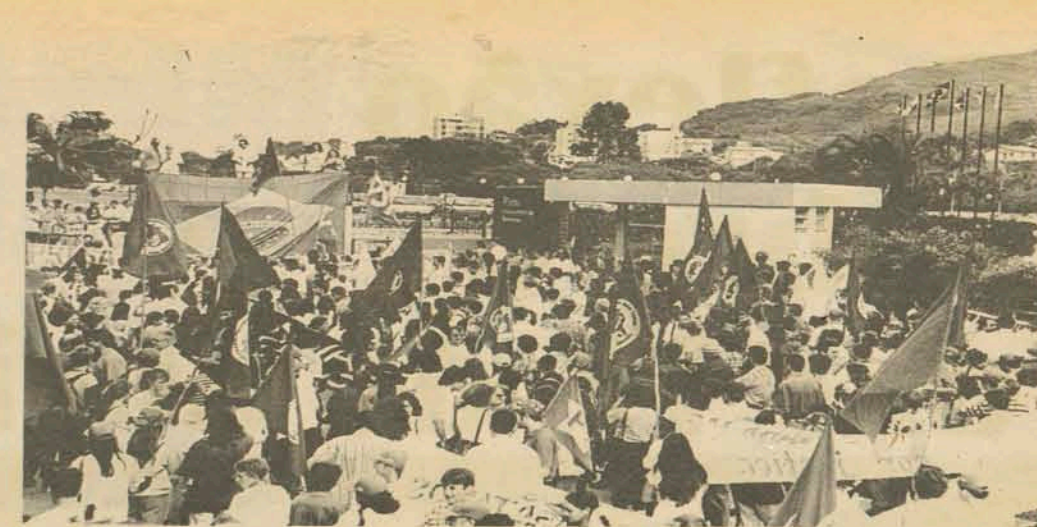
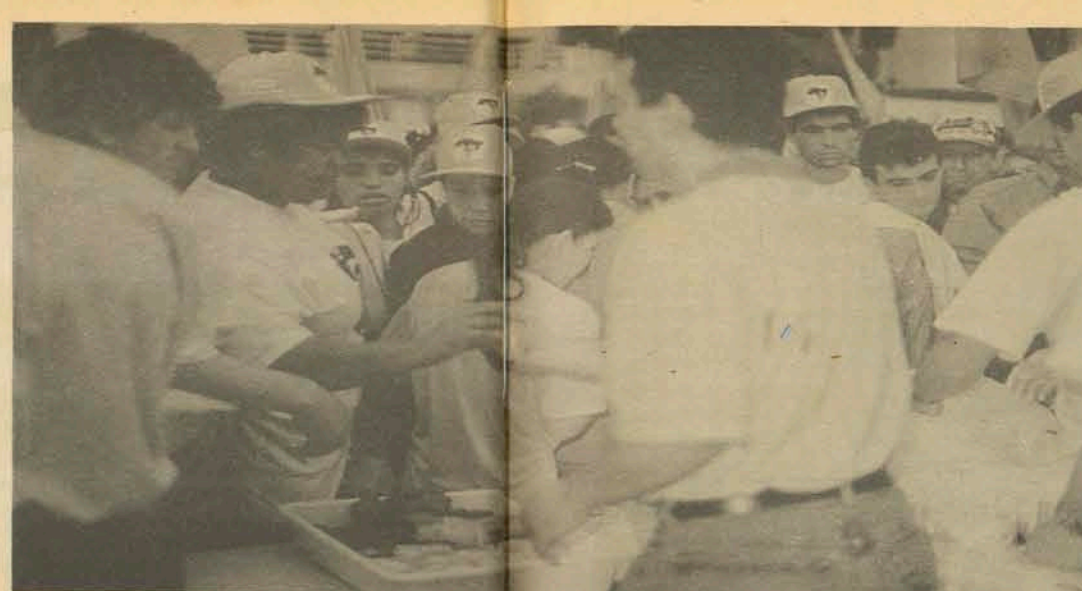
Uma coisa é certa: quem esteve dia 17 na rua não faz parte daquele contingente que sofre a pior miséria humana que é a de não estar integrado a uma grande causa. As pessoas que foram às ruas dia 17 acreditam que não é impossível um futuro com terra, teto e emprego para todos.

**Quando eu morrer
Cansado de guerra
Morro de bem
Com a minha terra:
Cana, caqui,
Inhame, abóbora
Onde só vento se semeava outrora
Amplidão, nação, sertão sem fim
Oh Manuel, Miguilim
Vamos embora**

(Trecho de Assentamento, música de Chico Buarque do CD que acompanha o livro *Terra*)



Fotos de Alessandra Mathyas, Jullo Pavese e Marli Cristina Scomazzon.
Diagramação de Soraya Nôr.



"Vivemos como se não contássemos, como se não tivéssemos importância nenhuma. O que acontece agora no Brasil é que uns poucos homens, que sofrem, começam a perguntar por quê. No momento em que não encontram respostas satisfatórias, seu passo seguinte é dizer não."
José Saramago, escritor, no lançamento do livro *Terra*, sobre o conformismo do mundo atual e o MST

"Vagando entre o sonho e o desespero, estão 4,8 milhões de famílias de rurais sem terra. A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente não pode lá entrar para trabalhar, para viver, com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir".
Idem.



"Já viajei pelo mundo todo, conheço mais de 100 países. Posso garantir que certos campos de refugiados do Zaire são muito mais confortáveis que alguns acampamentos dos sem-terra em beira de estrada. Estes refugiados não contam com o apoio da ONU".
Sebastião Salgado, fotógrafo, que editou livro *Terra* sobre e para o MST.

"O governo tem de dar graças a Deus por organizarmos estas pessoas, senão elas botam fogo no país".
João Pedro Stédile, líder do MST

"Não fotografo miseráveis, mas gente com menos recursos. Miséria vive a pessoa que não faz parte de uma comunidade, que está só, isolada".
Sebastião Salgado



Reflexão sobre o dia 17 de abril



Manifestantes em frente à sede da Celesc e, (no detalhe) no abraço ao prédio

**Edgar Imídio da Silveira
empregado/Celesc**

Uma das coisas mais importantes no cotidiano da vida humana é a percepção das mudanças que ocorrem em torno dela. E uma das coisas mais bonitas é esta percepção aliada à capacidade de ajustar estas mudanças ou contrapor-se a elas de modo a transformar a realidade de forma ética. É a compreensão desta dialética que inspira a luta dos movimentos sociais nos mais diversos setores da sociedade.

Este mérito é devido ao Movimento Sem Terra (MST), que ao longo dos anos manteve-se organizado na luta, sem perder de vista o seu objetivo primeiro - a terra para trabalhar - mas compreendendo também a necessária mudança de ordem estrutural para o país a partir da reforma agrária, ao invés de inchar o contingente de favelados. O prêmio Rei Balduino, da Bégica, conferido ao MST, dispensa mais comentários neste momento.

É esta visão ampliada e consequente do MST que o permite vir ao encontro do trabalhador urbano em defesa das estatísticas e do serviço público de qualidade. Porém, grande parte de nossos colegas vêem por uma ótica obtusa, sob uma perspectiva egoísta, e por isso não paralisaram no dia 17, alegando não termos nada a ver com o MST, que é uma greve política, que não estamos na data base e tantas outras desculpas para traírem a categoria. Uns até têm a cara de pau de dizerem que são sérios e que por isso não fazem greve. Criticam os sindicatos, que representam a ca-

tegoria legal e legitimamente, somente na ausência de seus dirigentes, na covardia de fazê-lo na presença destes. Incoerentemente, desrespeitam a decisão de suas assembleias sem terem a hombridade, sequer, de participarem deste fórum de deliberação e votarem contra (o que ainda não justificaria o desrespeito ao resultado, do ponto de vista democrático). Pensam, talvez, que somos autosuficientes, que sobreviveremos sozinhos. Entretanto, não resistindo ao contagiante movimento que fazíamos, interromperam (contraditoriamente) seus preciosos labores para assistirem de camarote (remuneradamente) o evento. É o autoritarismo em lugar da democracia.

Cansado dessas afrontas, não é de se estranhar que nos próximos pleitos, se houver, eu fique escondido atrás de uma mesa, depois de passar os anos 80 e 90 abdicando, tantas vezes, do meu particular em prol do coletivo, dentro e fora da Celesc. Mas, quem é o coletivo neste momento? Onde está a maioria? Não seria mudança de princípios, mas há que se pensar sobre a atitude de muitos. Nos portões estarei defendendo as causas de que coletivo?

Por outro lado, os fatos devem servir de reflexão também para os sindicatos. Será que as assembleias têm traduzido o clima que permeia a categoria como um todo? Os companheiros que determinam o resultado das assembleias fazem-no considerando as circunstâncias e o sentimento geral da categoria, ou em função apenas do valioso espírito que têm dentro de si? Conversando com um dos diretores

do nosso sindicato comentei que entre os companheiros havia uma forte aversão ao fato de juntarmos-nos aos sem terra, mesmo estes estando na defesa de nossos próprios interesses. Avalio, contudo, que as nossas lideranças sindicais (às quais quero ratificar o meu respeito) têm argumentação que justifica a situação, o que, provavelmente estará colocado nesta edição do LV.

Todavia, o processo de reflexão e avaliação críticos é salutar. E não apenas um direito num espaço democrático, mas também um dever de cada um, pela própria dialética do processo. Questionar é preciso!

Esta contribuição pretende que cada companheiro reflita sobre o momento crucial pelo qual estamos passando (mas não apaixonadamente). Que combatamos as idéias e atitudes mesquinhas. Que lutemos para acabar com a existência de duas categorias: uma que abraça o prédio por fora e outra que abraça o prédio por dentro (aqueles que ficaram enfileirados nas janelas, enclausurados na própria consciência).

Procuremos dirimir as dúvidas que levam-nos à divisão e, por fim, à própria ruína.

"Pois não é um inimigo que me afronta, então eu poderia suportá-lo; nem é um adversário que se exalta contra mim, porque dele poderia esconder-me; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu amigo íntimo." SI 55:12-13.

COMEÇA AMANHÃ O 1º CONGRESSO DOS EMPREGADOS DA CELESC

Cerca de 200 delegados representando todas as agências e departamentos da Celesc no estado estarão discutindo o modelo da empresa em que gostariam de trabalhar. O representante dos empregados no Conselho de Administração, Luiz Cézare Vieira, com o apoio da Intercelec, Celesc, APCElec, APC e Celos, organizou uma ampla programação para o encontro que acontece amanhã e sábado na Escola Sul da CUT em Florianópolis.

No sábado terão três painéis. O assunto do primeiro é O Estado e a Empresa Pública. A Reestruturação do Setor Elétrico é o tema do painel seguinte. O último do dia vai discutir o Modelo de Gestão Estratégica da Celesc.

No sábado será apresentada a tese-guia do congresso seguida de debates em grupos de trabalho. "O que pretendemos com este congresso é o questionamento do atual modelo de gestão da empresa e a sua instrumentalização por partidos políticos", informou o organizador geral do encontro, Luiz Cézare Vieira. Ele comenta que os empregados também têm responsabilidade sobre a Celesc e que por isso é preciso elaborar um projeto de empresa pública ideal para funcionários e contribuintes. Em resumo: a profissionalização da instituição e o fim das influências político-partidárias na administração serão as diretrizes básicas deste primeiro congresso.

A greve no estado

Um número significativo de eletricitários da Celesc paralisou suas atividades no dia 17, manifestando-se contra a privatização e a forma como a atual diretoria comanda a empresa.

Em Blumenau, além da paralisação, houve no final do dia, um grande debate sobre a privatização na Câmara de Vereadores, com a participação dos celesquianos, inclusive de aposentados que aderiram ao movimento.

Em Joinville, Lages e São Miguel do Oeste, a paralisação estendeu-se por todo o dia, com concentrações em frente às agências. Na capital os funcionários da Celesc pararam no período da manhã e fizeram manifestação em frente à empresa, com o apoio do MST e outras entidades filiadas à CUT, MST e estudantes (leia matéria pág. 03). No escritório de Itaiópolis, no norte do estado, todos os eletricitários aderiram à greve o dia inteiro.



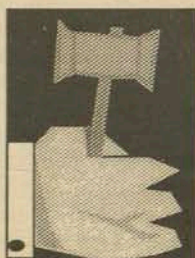
Descontração na ocupação da Eletrosul em fevereiro

600 barrageiros ocupam Itá

Desde o dia 22 de abril, 600 pessoas da CRAB - Movimento dos Atingidos por Barragens, estão ocupando o canteiro de obras da barragem de Itá, no lado de Santa Catarina. Foi a única maneira que o movimento encontrou para que seja dada uma solução definitiva para seu problema. As manifestações tendem a se intensificar após a confirmação do edital de privatização da Eletrosul. Há muito tempo as famílias atingidas pelas obras da barragem de Itá vem lutando para garantir direitos mínimos, e "se já é difícil negoci-

ar com uma estatal, certamente com grupos de iniciativa privada ficará mais complicado", explica o movimento. Segundo a CRAB existem ainda mil famílias que moram na área atingida - são famílias novas que foram se formando ao longo do período de 87 a 96 e a Eletrosul não quer reconhecer este grupo como atingidos. "A posição da empresa é agir judicialmente amedrontando as famílias para retirá-las do local. Mas nós ficaremos aqui até que nossos direitos sejam garantidos", explica Maximino Deparis, da coordenação da CRAB.

Leilão da Vale bombardeado na Justiça



Ações judiciais de todo o país podem impedir o leilão da companhia Vale do Rio Doce, marcado para semana que vem, dia 29.

Até sexta-feira já haviam dado entrada na Justiça Federal 60 ações contestando a venda da Vale. Desse total 41 são do Rio de Janeiro, sede da empresa, e as demais de outros estados. Para evitar que os recursos provenientes de cidades pequenas impeçam o leilão, o BNDES destacou um verdadeiro batalhão de 120 advogados. A ação desesperada do governo vai mandar um advogado para cada área onde possa ser concedida uma liminar, e assim dar conta da imensidade de liminares concedidas e recorrer imediatamente de cada uma delas. Se necessário, para agilizar o transporte, os advogados usarão até os jatinhos do governo.

De todas estas manifestações contra a venda da Vale, as que estão tirando o sono do presidente Fernando Henrique são as duas ações diretas de inconstitucionalidade impetradas pela ordem dos Advogados do Brasil no Supremo Tribunal Federal. E já que o STF é a última instância judicial no país, uma liminar concedida por ele suspenderia a venda.

Em mais uma viagem ao exterior, desta vez ao Canadá, o presidente apelou ao Supremo que não conceda a liminar à OAB. Realmente é preciso apelar porque a venda da Vale do Rio Doce é um verdadeiro crime contra a nação. Por isso mesmo é que a ação encaminhada pelo advogado Nélcio Santos de Oliveira do Rio de Janeiro foi acatada pelo juiz Wanderley de Andrade Monteiro, da 17ª Vara Federal. O pedido é uma intimação, por edital, de todos os envolvidos no processo de privatização da Vale. Serão intimados o presidente da República, o presidente do BNDES, Luiz Carlos Mendonça de Barros e todos os diretores do banco, Paulo Libergotti, chefe do departamento de operações de privatização, além de todos os representantes do consórcio responsável pela avaliação econômico-financeira da empresa.

Mas as manifestações pró Vale pública não páram por aí. A CNBB, em documento oficial intitulado "Declaração sobre a Vale do Rio Doce - Por um Discernimento Democrático", aprovado por aclamação durante a 35ª Assembléia Geral da entidade que terminou sexta-feira passada, solicita a suspensão do leilão. O documento afirma que a CNBB está preocupada com "medidas que hão de afetar, gravemente, e sem retorno, o futuro do país". Além disso esta declaração lista quatro exigências éticas, que estão esquecidas pelo

atual governo: que cabe ao Legislativo e à sociedade, não ao Executivo, determinar a natureza e o tamanho do Estado; que a venda da Vale põe em risco a soberania nacional; exige a divulgação sobre o exato potencial das jazidas da empresa; e a última, que garanta as condições de participação que a lei faculta à sociedade.

Os números da Vale

A empresa que o atual governo está ansioso para vender controla "apenas" 54 outras empresas, sendo que cinco delas estão entre as dez maiores exportadoras do país. A Vale lidera o comércio mundial de minério de ferro e é a maior produtora de alumínio e ouro da América Latina. No total, suas áreas somam quatro vezes o estado do Rio de Janeiro. Tem reservas de minérios em toneladas: 41 bilhões de ferro; 994 milhões de cobre; 678 milhões de bauxita; 72 milhões de manganês; 70 milhões de níquel; 9 milhões de zinco; 1,8 milhão de urânio; um milhão de titânio e por aí vai... Hoje a receita bruta da Vale fica em torno de US\$5,5 bilhões e parte deste valor investido em programas regionais de cunho social. Este "pequeno" patrimônio pode ser vendido por apenas um mês de juros da dívida interna.

tribuna
livre

Os inempregáveis

Mauro Passos - diretor do Sinergla e Vereador do PT

Quando o então ministro Rogério Magri fez uso da expressão "inexigível", o escárnio foi total. Ridicularizado por todos, Magri caiu no ostracismo.

Recentemente o sociólogo da Sorbonne, Fernando Henrique, utilizou sem qualquer constrangimento, num dos seus pronunciamentos, a expressão "inempregável". Partindo de tão letrada figura, antes de qualquer crítica, foi procurado o significado desta palavra nas mais diferentes línguas, tendo em vista a conhecida insistência do sociólogo de mostrar seu

domínio sobre vários idiomas.

Da pesquisa feita, nada foi encontrado. A palavra não existe. Se o termo "inempregado" não existe, por que então concebê-lo e usá-lo? Quem são afinal, estes novos desempregados que mereceram da parte de FHC, até uma nova expressão, sabendo-se que nada que parte do "príncipe" é por acaso?

A resposta a estas indagações encontra-se no bojo da Reforma do Estado e da Previdência. Fernando Henrique sabe o que vai acontecer neste país após as reformas e precisa criar uma

nova categoria de desempregados, diferenciada desta que a política neoliberal já espalhou pelas cidades e pelo campo.

Por isso a criação da expressão "inempregáveis", onde estarão inseridos os demitidos do setor público e das estatais, somados aqueles que a Reforma da Previdência vai jogar na rua sem terem conseguido a aposentadoria e sem terem condições (em função da própria idade) de serem absorvidos pelo já saturado mercado de trabalho.

A importância para Fernando Henrique desta

diferenciação está justamente no público que ele quer atingir. Aqueles que acompanham as estatísticas nacionais não terão conhecimento da "real" situação, tendo em vista que este contingente expressivo de "inempregáveis" ficarão fora das pesquisas. Já para o público externo, parceiros internacionais de FHC, as Reformas do Estado e da Previdência serão apresentadas em várias línguas, mostrando que estão sendo feitas sem dó nem piedade, conforme o prometido.

Impeachment e ostras

Fábio Brüggemann
Escritor e editor

A agência Madagapress divulgou esta semana notícia que os habitantes de Madagascar não compreenderam de imediato, devido à total falta de educação do referido povo. Acontece que lá, a produção de pérolas é limitada para que o preço no mercado não despenque. Nada difícil de entender, é nada mais que a velha lei da oferta e da procura, mãe do tal neoliberalismo.

Mas o governo de Estado de Madagascar quando está sem grana, provavelmente porque gastou em projetos pessoais e que não interessavam ao contribuinte, tem o direito de emitir ostras. Ou seja, inventa uma ostra de papel que é convertida no mercado em ostra de verdade - contribuindo para o déficit público - no caso dólar, porque a Ostra Real, a moeda local, não vale muita coisa. Quer dizer, até vale no nome (nominalmente, como dizem os economistas) o mesmo que o dólar, por exemplo, mas só internamente. Uma coisa assim de louco e de ficção.

A lei em Madagascar é muito rígida e clara. Mas não cumprida pelos que têm dinheiro, valendo só para os pobres. Mas a lei diz que o governo só poderia emitir novas ostras para pagar ostratórios, que vêm a ser dívidas judiciais em favor dos contribuintes que acionaram o Estado. Porque de qualquer forma todo mundo é contribuinte.

Acontece que o governo madagascarense emitiu ostras para pagar ostratórios e acabou usando este dinheiro para outros fins.

Mas a oposição ao governo de Madagascar, conhecida como "As ostras calvas", descobriu a ilegalidade e imediatamente denunciou. Mas, segundo fontes fidedignas, que me resguardo de citar - com o que me cabe de direito - as "ostras calvas" usariam do mesmo expediente caso estivessem no poder. Só que consta na história que as calvas são muito mais espertas e não costumam deixar rastros, bastando para isto que olhemos a história daquele país.

Foi aberto um inquérito parlamentar e o escândalo tornou-se público, sem que este público, sempre contribuinte, entendesse alguma coisa.

O governo, então, ao invés de se retratar publicamente, ou renunciar (o que se daria em qualquer país decente) até que se explicasse a situação, resolveu se defender apenas da oposição, justamente porque acreditava serem alvos fáceis e inimigos históricos e pela ignorância da população nestes assuntos constitucionais. Depois chamou todos os alcaides locais e, em troca de muita ostra (ainda sobra da emissão das ostras de papel), pediu o apoio público e político. O suntuoso e brega, segundo os que conhecem de perto, palácio local, ficou repleto de alcaides pucha-ostras, que finalmente conseguiram pagar os salários atrasados dos servidores e tocar algumas obras.

Quer dizer, os prefeitos locais queriam que o dinheiro dos ostratórios ficasse em Madagascar, mesmo sabendo que são ostras imundas, podres e, além do mais, fictícias, abrindo precedentes para que qualquer governo pudesse, a partir daí, emitir ostras de papel no mercado. Imagine o caos de pérolas - neste caso que poderiam ser dadas aos porcos - que se daria no futuro e que, santa inocência, se deu no passado.

Não é o primeiro caso de réu confesso que

se mantém no poder. A história, e não precisamos ir muito longe, está cheia.

Mas é o primeiro caso de ostra de pau (lá não existe a expressão cara-de-pau) da história política universal. O cara assume que cometeu um crime, mas insiste em continuar no poder, provavelmente com medo de que a oposição assumira, sem compromisso nenhum com o contribuinte de Madagascar.

Outro problema sério é que a maioria da câmara legislativa de Madagascar pertence ao partido do governo. Como é que o povo poderá pedir a estes caras, que também devem estar com os bolsos cheios de ostras, que deponham contra seu próprio sustento? Bom, aí já é culpa dos habitantes de Madagascar que elegeram esta gente toda. Lá diferente do Brasil, os que desrespeitam a lei não são nunca punidos. Lá a informação nunca é clara e, diferente da terra tapuia, se vive em um mar de pérolas. Destas pérolas.



Cinema do CIC:

dia 24 - quinta, às 20h30 - Lolita
dia 25 - sexta, às 21 horas - Bonequinha de Luxo
dia 26 - sábado, às 19 horas - Shine
às 21h15 - O Regresso
dia 27 - domingo, às 17 horas - Bonequinha de Luxo
às 19 horas - Shine
às 21h15 - O Regresso
dia 28 - segunda, às 21 horas - Bonequinha de Luxo
dia 29 - terça, às 21 horas - O regresso
dia 30 - quarta, às 19 horas - Shine
às 21 horas - O regresso



E no dia 1º de maio, o ritmo dos trabalhadores negros do Mississippi, o blues, será o destaque na noite da capital. A partir das 21 horas a banda Terra Blues fará um show, no Café Matisse, Centro Integrado de Cultura. Eletricistas com carteirainha do sindicato têm 25% de desconto sobre o couvert.